

“CINE CLUBE HISTÓRIA”: A EXPERIÊNCIA DO TRABALHO SOBRE CORRUPÇÃO POR MEIO DO FILME *O CANDIDATO HONESTO*

*Jefferson Fernandes de Aquino*¹

*Jéssica Naiara Silva*²

*Rosemere Olímpio de Santana*³

Introdução

O professor, em sala de aula, trabalha na perspectiva de atingir determinados resultados em um prazo específico de tempo e com pessoas específicas. Dia após dia, essas pessoas (os alunos) esperam que esse professor as conduza de um lugar a outro no campo do conhecimento científico de forma sistematizada, contínua e progressiva. (ZAMBONI; OLIVEIRA, 2013, p.112)

Levando em consideração o pensamento de Zamboni e Oliveira (2013), e partindo da lógica que todo processo de ensino e aprendizagem inicia com uma ideia, quer seja ela grande ou pequena, mas com sua devida importância é que nascem as ações pedagógicas para dinamizar o conteúdo, relacionando-o com temáticas transversais, vídeos, filmes, jogos, dentre outros a fim de melhorar a aprendizagem dos alunos no tocante aos componentes curriculares, em especial – e foco de nosso estudo – de História. Desta forma, é possível se trabalhar de forma interdisciplinar, estimulando, no nosso alunado a reflexão crítica, ao tempo que desenvolvendo suas habilidades e competências.

Neste ínterim e corroborando o pensamento de Zamboni e Oliveira, as ações do docente visam em criar caminhos por onde os alunos deverão percorrer, observando, pensando e tirando suas próprias conclusões.

Na prática do ensino de História temos um papel fundamental no que diz respeito a formação do cidadão. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de História (1998):

A seu modo, o ensino de História pode favorecer a formação do estudante como cidadão, para que assuma formas de participação social, política e atitudes críticas diante da realidade atual, aprendendo a discernir os limites e as possibilidades de sua atuação, na permanência ou na transformação da realidade histórica na qual se insere. Essa intencionalidade não é, contudo, esclarecedora nela

¹ UFCG/UFERSA. E-mail: jeffersonczpb@gmail.com

² UFCG-CFP. E-mail: Jessica.ufcg@gmail.com

³ UFCG-CFP. E-mail: rosemere.santana@hotmail.com

mesma. É necessário que a escola e seus educadores definam e explicitem para si e junto com as gerações brasileiras atuais o significado de cidadania e reflitam sobre suas dimensões históricas. (BRASIL, 1998, p.36)

Para isso, utilizar de ferramentas lúdicas, textos, imagens, dentre outros recursos é fundamental para a construção do saber histórico. Pensando nisso é que trazemos aqui um estudo de caso, baseando na vivência de uma aula de História na EEEF Dom Moisés Coelho, em Cajazeiras-PB, como ação do PIBID-História (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, financiado pela CAPES⁴).

O PIBID, Subprojeto de História da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras-PB, atua em duas escolas da rede estadual de ensino desde 2014, trazendo como eixo central a aproximação da Universidade com as escolas de ensino básico onde proporciona ao acadêmico inserir-se no universo escolar, possibilitando a troca de experiências entre o supervisor (que é o professor regular da disciplina) e o discente. Na EEEF Dom Moisés Coelho, o programa atua em turmas do Ensino Fundamental II e reforça as discussões sobre ensino e práticas pedagógicas no âmbito do Curso de Licenciatura Plena em História ofertado no Centro de Formação de Professores.

São as atividades desenvolvidas no PIBID que nos fazem pensar como sujeitos pertencentes efetivamente de um processo de iniciação à docência, ao passo que, projetamos as atividades mediante planejamento e metodologia sempre visando a inserção do alunado atendido pelo programa.

Levando em consideração o exposto até o momento e, refletindo nessa integração dos alunos, através da utilização de recursos tecnológicos e na discussão de temas transversais selecionamos o filme “*O Candidato Honesto*”, estrelado pelo humorista Leandro Hassun para embasarmos e fomentar a discussão acerca da corrupção.

Cinema, produção artística de mercado: um recurso para construção histórica

Aos nos referimos ao cinema, buscamos atrelar ao entretenimento, um passatempo. No entanto verificamos que as produções cinematográficas possuem um conteúdo que traz todo um contexto histórico referente a qualquer tema que for

⁴CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior

abordado. Assuntos que devidamente problematizados viram recurso para serem trabalhados em sala, este, como sistematizador de ideias e percepções. Conforme Barros (2011) o cinema acomoda um diálogo que perpassa os diversos campos das ciências humanas.

Cinema, história e ciências humanas, enfim, bem como o cinema e as demais formas artísticas de expressão estão destinadas a uma parceria que envolve intermináveis possibilidades. O cinema enquanto ‘forma de expressão’, e como forma de expressão que congrega de novas maneiras outras modalidades de expressão artística, será sempre uma riquíssima fonte para compreender a realidade que o produz, e neste sentido um campo promissor para a história, para a sociologia e demais ciências humanas. (BARROS, 2011, p.9)

Ainda segundo Barros, 2011 o cinema agrega um significado ao trabalho do historiador, pois tem-se apresentado como um dos grandes agentes históricos na contemporaneidade. Arte, no diálogo com a realidade e despertando, no telespectador, o senso crítico de pensar a história enquanto fonte grandiosa de enredos.

Visitando a história do cinema, encontramos figuras célebres e que, ao seu tempo trouxeram a sua mensagem mediante a momentos vividos pela História. Assim, como não lembrar, no cinema mudo, de Charlie Chaplin através dos filmes *Tempos Modernos* e *O Grande Ditador*; ao visualizarmos a “sétima arte” indagamo-nos, sobretudo, de como surgiu e qual sua finalidade.

Com a Revolução Industrial, o século XVIII presenciou uma variante de mercadorias que inseriam no mundo o capitalismo. Ao longo dos séculos, as tecnologias evoluíram assim como a mentalidade humana de ganhar dinheiro.

Pinto (2004) faz toda uma contextualização acerca, pautada na obra *Breve cronologia do cinema* nos apresenta as tentativas do homem “de estudar o movimento”. Antecedendo até mesmo os egípcios, as figuras rupestres já indicavam os primórdios do que viria a ser o cinema.

Saltando cronologicamente para chegar em 1895 onde os irmãos Lumière conseguem exibir no cinematógrafo as primeiras imagens. Ambicionando esquematizar as imagens em movimento a exibição à princípio não teve som e cor.

Enveredando pelo caminho da historiografia, o autor afirma que o historiador deve ligar-se a “influência que a imagem tem na sociedade”, como uma maneira de inserir-se na realidade do processo histórico. Referenciando Cristina Nova o autor

destaca que nas décadas do século XX são produzidos trabalhos relacionados à imagem-história, acima de tudo, a imagem como um documento.

Nesse viés ainda é ressaltado a imagem como criadora de discurso sobre o passado, mas que ainda existem ressalvas quanto à utilização pelos historiadores desses estudos. Para ele com alguns historiadores tradicionais ainda existe retalhos de uma história positivista que iluminava o documento como uma única verdade.

O que na verdade ocorre são novos horizontes de abordagem da história, a escrita continuará tendo seu lugar na “expressão de um acontecimento passado”. Ainda é comum esperar que o filme exiba fatos verídicos, o autor ressalta que o diretor está envolvido com toda uma lógica que desperte interesse do público, para isso é necessário atratividade. Esse profissional, de fato, não é um historiador.

O filme não é uma reflexão direta e mecânica da sociedade, muitas vezes eles constrói um contra-história, em virtude de ele apresentar um novo ponto de vista para a história. (PINTO, 2004)

Os alunos desconheciam que por trás de uma produção cinematográfica existe todo um interesse de mercado por isso, também o investimento na atratividade. O público em sua maioria tem um interesse por determinados filmes desprovido de um conteúdo histórico, apenas com um entrelace de acontecimentos narrados de forma substancial respondendo as expectativas desse público. Momento que questionamos os alunos dos filmes passados na TV mais específico a “sessão da tarde” na rede globo, exibindo produções rotineiramente repetitivas, enquanto que no “corujão” onde na mesma emissora exibe filmes de madrugada, inéditos. O expectador da sessão da tarde, geralmente crianças não é o alvo, em termos comerciais, já o da noite sim, tendo em vista que nas outras emissoras na mesma madrugada não exibem programas que ganhem em audiência.

O processo de mutação do cinema ocorreu de forma gradual concernente ao fato linguagem, diz Marcel Martin:

A arte esteve, portanto inicialmente a serviço da magia e da religião, antes de tornar-se uma atividade específica, criadora de beleza. Tendo começado como espetáculo filmado ou simples reprodução do real, o cinema tornou-se pouco a pouco uma linguagem, ou seja, um meio de conduzir um relato e vivenciar ideias (MARTIN, 1985, p.16)

Produtor de um discurso abriga em seu contexto uma série de características, fotografia, enredo que nos possibilita enxergar a narrativa em uma ótica variada. Uma produção cinematográfica é na verdade uma criação artística que em junção com os elementos citados aqui concede vida a uma história.

É inegável que o cinema é uma arte, mas também, um fruto de uma indústria. Fazendo com que tenha-se um caráter social especulativo, “a fim de proporcionar uma visão estética, objetiva, ou poética do mundo” tendo em vista a agradar um público alvo com histórias variadas, talvez genéricas, no entanto a sua maneira de ser uma arte não é alterada.

Mais que seu caráter industrial, é o comercial que constitui uma grave desvantagem para o cinema porque a importância dos investimentos financeiros que necessita o faz tributário dos poderosos, cuja única norma de ação é a rentabilidade. (Martin, 1985, p 15)

Segundo PONTES (2010) é necessário “entendê-la em sua plenitude precisamos levar em conta a análise do discurso narrativo o aspecto estético e o aspecto social”. Dessa forma unindo o texto com o contexto como subsidio a uma “interpretação dialética integra”.

Construindo a oficina: necessidades e planejamento

A temática proposta surgiu de uma série de conversações em meio aos planejamentos das ações do PIBID, quando decidimos trabalhar o que chamamos de “*Oficina de Cinema*”. Assim, pensar o tema corrupção e associá-lo com o filme a fim de utilizá-lo como um aporte pedagógico também revelou o intuito de atrelar o conhecimento ao entretenimento.

Desta forma, é sabido que, grande parte dos alunos em algum momento assistem a filmes, séries e documentários com propostas ligadas a enredos verídicos ou fictícios, mas que trazem consigo uma mensagem que, uma vez problematizada transforma-se em conhecimento.

Esses meios audiovisuais são introduzidos aos alunos por meio do conhecimento do professor e de seu objetivo para com a proposta pedagógica planejada.

Portanto, através da docência compartilhada – uma das ações do PIBID – existe o favorecimento da produção de metodologias, ao tema a ser exposto em sala da forma

que achamos cabíveis. Neste caso, o contexto cinematográfico possibilita o diálogo e a percepção do aluno entre os personagens, ações, tramas e risos a fim de extrair um ponto central que abarque toda uma discussão produtiva.

Ao lidarmos com o tema *corrupção* a partir do diálogo com os alunos, adentramos num campo minado, tendo em vista as recorrentes notícias que apontam diversos sujeitos imersos a esquemas corruptíveis. Mais do que isso, nos permite observar o contraponto de toda essa carga de informação midiática, refletida na mentalidade do nosso alunado, ao tempo que corrobora a contradição existente entre o diálogo anticorrupção e a prática cotidiana.

Nesse processo e se apropriando na construção de um período eleitoral, achamos necessária que esta discussão viesse à tona a fim de apontarmos os caminhos para a mudança e o papel social de cada um, sempre ponderando no princípio de cidadania do qual a História e o professor são responsáveis.

Por meio da docência compartilhada sentimos a necessidade de pensar uma oficina que trabalhassem, dentro de sua ludicidade, temáticas atuais e que de fato viessem a interferir na reflexão dos alunos sobre as ocorrências cotidianas. A *corrupção*, como citamos, foi à proposta escolhida e as discussões deram-se enveredadas não apenas a política do país, mas, sobretudo as próprias ações individuais (ou de algum conhecido ou parente), como o simples ato de olhar a prova do colega, negociar pontos com algum professor para obter uma nota maior ou arredondamento.

Seguidamente, os alunos refletiram, na sua possibilidade, todo o cenário político brasileiro a partir da temática abordada pelo filme e, com isso entendendo o processo que levou esses sujeitos ao poder e, sobretudo, no tocante do papel da imprensa na (in)formação da população.

Mais do que isso, nossa meta foi absorver e promover uma reflexão sobre o papel dos jovens na construção desse Brasil moderno enquanto cidadãos ativos e como eles de forma direta (ou indireta) colaboram (ou não) para esses acontecimentos, levando-os a se posicionarem, em ações medianas, mas que puderam ser praticantes de uma ação corrupta.

Práticas como essas nos permitem avaliar o processo de formação docente e de como mediar as ações de maneira coerente e sem assumir posições extremas. Para isso, juntamente com os supervisores e com todo um suporte teórico, buscamos enveredar em teorias, práticas pedagógicas e ações pontuais que nos permitam refletir e possibilitar uma reflexão acerca do tema proposto.

Teoria e prática são aliadas no embasamento dessas ações, bem como na sua aplicação, tendo em vista o processo de ensino e aprendizagem. Acerca disso Pimenta e Lima (2006):

[...] O papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análise para compreenderem os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais de si mesmas como profissionais nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir, transformando-os. Daí é fundamental o exercício da crítica das condições materiais dos quais o ensino ocorre. (PIMENTA; LIMA, 2006, p16)

Caminhando na construção do conhecimento, ao tempo que, aliando teoria e prática, utilizamos como materiais pedagógicos o filme *Candidato Honesto*, charges, imagens, reportagens com matéria local e artigos, que nos possibilitou desenvolver a proposta tendo todo um ambiente preparado no contra turno para receber as turmas do Ensino Fundamental II.

Devido à reviravolta na política do nosso país, não há como ficar à margem de toda uma discussão que se faz principalmente em redes sociais. Segundo Barcelos (2010), “a tecnologia ocupa posição central na vida dos atuais jovens consumidores”. Tendo em vista que esses crescem imersos a esse contexto, estão sempre ligados a TV, VIDEO GAME e as mídias sócias. Com isso o filme proposto, com todo o seu humor escrachado encaixava-se nessa perspectiva, satirizando as relações políticas pautadas nas trocas de favores e como descreve Márlon Reis, em *O Nobre Deputado* (2014):

A política é uma arte que desafia a ciência. Como a física explicaria, por exemplo, que um deputado tem direito a dois gabinetes, em Brasília e outro no Estado de origem? E que, além disso, pode dar posto de trabalho a até 25 secretários parlamentares. Os jornais nos criticam por isso, mas o número deveria ser maior. Afinal, temos muitas pessoas a acomodar. E a genética então? Algumas tentativas de conceber lideranças políticas de proveta resultam em criaturas que não compartilham sequer um cromossomo do pai. [...] Nada se compara, entretanto, àquilo que nós, os políticos fazemos com a matemática. Quando os números correspondem a valores em dinheiro, temos o prazer de fazer com que uma quantia destinada à obras públicas sirva também para a conta particular dos prefeitos e multiplicar o caixa do partido. (REIS, 2014, p.23)

No livro, o político, pseudo chamado de Cândido Peçanha é um deputado eleito por um Estado não revelado. Na realidade, este é um relato de um ex-deputado que, por questões éticas não teve o nome revelado, mas que suas práticas a medida em que o

livro vai amadurecendo o enredo, corrobora para a análise das práticas de muitos políticos, noticiários e, como trazemos à tona neste estudo, ao filme que foi apresentado aos alunos na Oficina de Cinema.

Na arte do planejar, nós professores e bolsistas ID⁵, desempenhamos um papel importantíssimo na organização das ideias para elevar o conhecimento do nosso alunado.

Ainda com base na citação de Márlon Reis, ela aponta uma questão bem pontual do filme: a corrupção. No entanto, o audiovisual traz uma mensagem ética que nos faz (e fez) refletir sobre o nosso papel enquanto cidadãos e agente políticos.

Partindo desse pressuposto começamos uma série de reuniões planejando a construção do tema chave, a relação com o filme, sobretudo a execução, tendo em vista ser realizada a oficina à noite, horário oposto as aulas. O plano fez-se primeiramente com os objetivos, compreendem:

- **Conceitual:** Identificar no filme “*O candidato honesto*” expressões que liguem a sua narrativa à construção crítica do ambiente político no nosso país o vendo como recurso didático com enfoque para a história política da contemporaneidade compreendendo a noção do papel dos políticos em exercício assim como do cidadão.
- **Atitudinal:** Entender o cenário político brasileiro em função dos escândalos de corrupção pensando como o sujeito se integra nesse meio a partir da responsabilidade do seu voto e suas ações cotidianas.
- **Procedimental:** Mobilizar os conhecimentos obtidos para produção de um debate no projeto “Café gaiato”. Grupo destinado à discussão das temáticas que circulam na mídia, redes sociais, respaldando na importância de debater-se além conteúdo programático.

Uma vez de posse dos objetivos da atividade, a metodologia e recursos a serem utilizados, ativamos o conhecimento prévio dos alunos, reverenciando o cinema nacional com suas produções, norteando-os que existe um mercado que está além das produções *hollywoodianas*. Ao tempo que fomos esclarecendo que os enredos dos filmes não só trazem romances, comédias, mas toda uma discussão que remete a um fato histórico como pano de fundo, precisando estar atenta a isso.

A fim de reforçar essa discussão prévia dos alunos, fizemos uso de imagens do próprio filme e outras que remetiam as eleições (charges, caricaturas, fotografias) concatenando as ideias e colocando-os de forma (in)direta no contexto abordado.

⁵Bolsita ID (Iniciação à Docência), como são costumeiramente chamados dos bolsistas do PIBID provenientes dos cursos de graduação.

Assim, através do filme *O candidato honesto*, cujo enredo é projetado na figura de um candidato à Presidência da República que impossibilitado de mentir, muda todo o planejamento de sua campanha.

O filme satiriza a figura do político a partir do momento em que o candidato passa a ser honesto, ironizando até a sua capacidade de falar a verdade para esposa e filhos.

Nas cenas subsequentes a “maldição” que o personagem principal “João Ernesto Paxedes” recebe de sua avó, o filme nos convida a refletir nas práticas comportamentais de um político tipicamente corrupto que vê, na eminente derrota uma crise de “sincericídio”.

Com base nisso, faz-se necessário entender: Quais as impressões do enredo? Como os políticos se articulavam? O que é corrupção? Como participamos desse emaranhado de acontecimentos? E, como visualizamos a figura do político hoje – se igual ou diferente ao apresentado na produção – e qual nosso papel, enquanto cidadãos para coibir tais práticas?

Desta forma, ao serem questionados, os envolvidos na Oficina posicionaram-se de forma direta selecionando momentos do filme que representavam-nas, instante que verificamos a clareza com que enxergam a temática.

Vale ressaltar que, no transcorrer da trama, fomos pinçando trechos que trariam uma reflexão mais apurada acerca do papel da política na coordenação de uma sociedade, sua importância e algumas concepções acerca da temática. Sem esquecer, óbvio, de elencar a relevância da mídia brasileira até mesmo na construção do ser político.

Após a exibição do filme, iniciamos o debate problematizando a ideia de corrupção, deixando se observar como um fenômeno que não passa despercebido pelo olhar do aluno, tendo em vista a veiculação universal das notícias e, a partir daí, também a própria discussão acerca do papel da mídia na construção/desconstrução da política brasileira.

Procuramos, assim, provocar nossos alunos a debater a temática apresentando, com o uso de charges e outras imagens que representavam bem a problemática em um âmbito mais geral e específico, trazendo para um contexto local, momento escolhido pelo fato de a cidade e região passar por um momento conturbado no setor político. Visamos, como isso, destacar também outras práticas corruptíveis, como, por exemplo,

o simples ato de colar a prova do colega, o que gerou uma discussão descontraída quando um apontava o outro, mas entendendo que não deixava de ser errado.

Nosso maior objetivo, para que fique claro, não era apenas discutir o contexto da corrupção no âmbito da política, mas também outras práticas menores e provocar uma reflexão no que se refere ao papel do cidadão na cobrança de medidas rígidas de combate à prática.

Questionando os alunos sobre suas ações no dia-a-dia desde atravessar a rua fora da faixa, ao fato de não entregarem a caneta do colega, notamos a consciência clara dos seus atos e reflexão dos acontecimentos na política, no entanto as suas ações são regidas por vontade própria. Saber que estar errado, ou não, para eles não fazia muita diferença, como argumento, alegavam que seguem o exemplo da grande maioria e em termos de corrupção, se tivessem oportunidade fariam o mesmo que alguns políticos fazem.

Após todo diálogo com o conteúdo e participação dos alunos, como método avaliativo pedimos aos alunos para reunirem material que falasse da temática, desde notícias, charges, buscadas no *facebook*, jornal, revista, para exposição de um mural como panorama da atual política brasileira, enfatizando suas impressões à cerca.

Este momento de produção final da oficina nos fez refletir e avaliar a importância de se abordar essa e outras temáticas no *Cine Clube História*.

Conclusão

A escola, como instituição formadora de cidadãos, reproduz normas e valores presentes na sociedade e apresenta-se como importante, se não imprescindível, agente de socialização do indivíduo, uma vez que através dos conteúdos dispostos em seu currículo e da ação daqueles que compõem o cotidiano escolar (professores, gestão, pais e alunos) a criança/adolescente/adulto aprende ou adquire conhecimentos que lhe possibilitarão compreender melhor o mundo onde vive e sua própria existência. Neste sentido, a educação e, por conseguinte, a escola atua de modo a contribuir para que o indivíduo se conscientize sob sua condição de sujeito histórico, que não apenas observa e se submete aos acontecimentos do mundo, mas tem a capacidade de participar e transformar a realidade, assumindo a posição de construtor de sua própria história e da história social acerca do meio onde está inserido.

Para isso, levamos em consideração que a educação é uma preparação para a vida em sociedade e a escola é o ambiente de troca de experiências e saberes. Formar

para a cidadania e o convívio em sociedade, requer metodologias que coloque o alunado como cidadão em todos os seus aspectos.

A edificação do diálogo acerca do tema corrupção envolvendo o cinema através do filme *O Candidato Honesto* foi imprescindível para o ensino de História, focando este momento em um *Cine Clube*, pois, tendo em vista a necessidade de se estimular um pensamento crítico nos alunos e partindo da premissa que a vastidão de filmes existentes no mercado apresentam, muitas vezes, temáticas impróprias até para idade deles, ou até mesmo nem apresentam tema algum, mas que são difundidos de forma viral e percebidos com mais atenção no ambiente escolar ao trabalharmos determinados assuntos.

Neste sentido, todo o enredo da trama nos auxiliou a trazer a discussão um tema bem acentuado em nossa sociedade devido aos escândalos envolvendo a Petrobrás, e tantos outros esquemas de corrupção já evidenciados pela mídia em tempos passados, a saber, o Mensalão. Assim trazendo para a sala de aula o debate da temática, além de norteá-los do cenário político brasileiro para quando se depararem com uma notícia não tomarem posição sem saber a veracidade, difundindo-as de forma errônea.

Através desta ação podemos captar que muitas pessoas, em especial os nossos alunos, são atraídos nos filmes pelos seus gêneros. Aparentemente esta nossa afirmação é óbvia, mas os romances, as dramas e comédias – que não necessariamente haveria de ter um enredo com uma problemática, segundo algumas pesquisas e discussões informais feitas no ato do planejamento dessa e outras ações envolvendo a utilização de filmes – por se apresentarem um entretenimento.

REFERÊNCIAS

BARCELOS, Renato Hubner. **Nova mídia, socialização e adolescência**. Um estudo exploratório sobre o consumo das novas tecnologias de comunicação pelos jovens. Porto Alegre. Dissertação de mestrado, 2010.

BARROS, José D.'Assunção. O Cinema e as demais modalidades artísticas de expressão—diálogos e interdisciplinaridade. **Comunicologia – Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília**, v. 4, n. 1, p.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História**. Brasília: MEC, 1998.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções**. Revista Poíses, v.3, n.3 e 4, p.5-24, 2005/2006. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/article/view/10542/7012> Acesso em: 12 de agosto de 2016.

PINTO, Luciana. **O historiador e sua relação com o cinema**. In: O olho da história: Revista de história contemporânea: Salvador, 2004.

PONTES, Lucas Renatho Gomes De. **Narradores de Javé: ficção, comunicação e cultura**. In: XII congresso de ciências da comunicação na região Nordeste: Campina Grande-PB. II 4, 2010.

REIS, Márton. **O Nobre Deputado**: relato chocante (e verdadeiro) de como nasce, cresce e se perpetua um corrupto na política brasileira. Rio de Janeiro: LeYa, 2014.

ZAMBONI, Ernesta; OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. **Resposta para uma aluna**: são muitas possibilidades para a escola pública. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol.6, n.3, dez, 2013.